

Editorial

[Editorial]

REVISTA
com **política**

revista compolítica

2022, 12(3)

compolitica.org/revista

ISSN: 2236-4781

DOI: 10.21878/compolitica.2022.12.679

Ricardo Fabrino Mendonça

Editor-chefe

Fernanda Cavassana

Editora-chefe

Editorial da Revista Compolítica, v. 12, n. 3, 2022.

Editorial

Ricardo Fabrino MENDONÇA
Fernanda CAVASSANA

A Revista Compolítica fecha o ano editorial de 2022 com um número que conjuga discussões históricas e temas contemporâneos da comunicação política. No número 3, do nosso volume 12, a comunidade leitora encontra cinco artigos inéditos, além de uma entrevista e uma resenha na nossa seção de extras.

O primeiro artigo da nova edição se volta para uma personalidade de relevância histórica na cena comunicacional e política do Brasil. Intitulado “A memória dos jornalistas sobre Carlos Lacerda: disputas simbólicas em torno da modernização da imprensa”, o texto de Fabrício Ferreira de Medeiros escava o papel de Lacerda na transformação do jornalismo brasileiro a partir de diversas fontes históricas, trazendo à superfície as ambiguidades que atravessam não apenas sua postura diante do papel da imprensa, mas também da democracia. Atribuindo-se a missão de esclarecer a opinião pública e pressionar autoridades, Lacerda mobiliza a retórica da objetividade para se proteger, mas reproduz as práticas do jornalismo que considerava ultrapassado. A conclusão, expressa na derradeira frase do artigo, é a de que mais que um jornalista, Lacerda teria sido um ator político de um momento vital da história nacional.

O segundo artigo da edição volta-se para um tópico também da segunda metade do século XX, ao buscar compreender como a discussão de Guy Debord pode ser atualizada para iluminar fenômenos contemporâneos. “Debord, a política, a comunicação e a vida cotidiana: a questão do poder”, de autoria de Cláudio Coelho e Vera Chaia, explora diferentes momentos da obra de Debord e os compara a conceitos de Foucault e Baudrillard, para advogar a pertinência do situacionista na compreensão da crise hodierna do capitalismo e da democracia. Na visão de Coelho e Chaia, apesar da projeção atual da influência de Foucault, “o conceito debordiano do poder espetacular integrado demonstra ser extremamente atual; em especial se comparado com a microfísica do poder proposta por Foucault, que dissolve os vínculos entre a dominação de classe e o exercício do poder”.

Na sequência, o presente volume traz o terceiro artigo, “De guardião da democracia a inimigo da liberdade do povo: imagem pública do Tribunal Superior Eleitoral nas notícias do site Terça Livre”. Nele, Laís Cristine Cardoso e Heitor Costa Lima da Rocha identificam a construção de uma imagem

negativa do TSE nas publicações do Terça Livre, que, “por vezes usando estratégias de desinformação, caracterizava o tribunal como uma instituição considerada ineficiente, inimiga da democracia e contrária à liberdade de voto da população”.

O quarto artigo da edição, de autoria de Júlia Schiaffarino e Liziane Soares Guazina, volta-se à campanha de João Doria à prefeitura de São Paulo para investigar “A Política do Anti”. Com enfoque no material audiovisual da campanha no Facebook, a pesquisa desvela a forma por meio da qual argumentos antipolítica e *antiestablishment* foram costurados e mobilizados publicamente, alimentando engajamento em um contexto propício para tanto. Com clareza sobre as sobreposições e diferenças entre diversas formas de discurso negativo (“anti-”) e contextualizando sua ascensão em tempos de pós-democracia neoliberal, o artigo realiza uma análise temática dos vídeos de Doria. Entre os resultados, evidencia um predomínio da categoria *antiestablishment*, marcada pela desqualificação da elite dominante e do conflito “Nós vs. Eles”, para se posicionar contra o PT. Ademais, salienta-se a ideia de política sem político através da ênfase em uma ideia de *outsider*.

Por fim, o quinto artigo inédito da edição investiga “As disputas discursivas na CPMI das Fake News e a estratégia bolsonarista”, título do artigo. De autoria de Tathiana Senne Chicarino, Desirée Luíse Lopes Conceição e Rosemary Segurado, o texto reconstrói a Comissão Parlamentar Mista de Inquérito instaurada para investigar o fenômeno da desinformação nas eleições de 2018, atendo-se a três de suas audiências. Utilizando-se da análise de discurso de origem francesa, o artigo identifica a rearticulação, na CPMI, de estratégias discursivas empregadas pelo bloco bolsonarista nas eleições.

O primeiro extra é uma entrevista conduzida por Marcela Barba e Fernando Englert com Afonso de Albuquerque, professor da Universidade Federal Fluminense (UFF). Intitulado “Mídia, desinformação política e o desafio da soberania informacional”, o extra debate como a desinformação pode se configurar de forma institucionalizada, inclusive via imprensa tradicional, aborda aspectos das últimas obras de Albuquerque e questões sobre a soberania informacional no campo científico da comunicação, que orientam o novo instituto liderado pelo professor.

Fecha o último número de 2022, uma resenha da obra “Bololô, vamô ocupar: processos comunicativos, arranjos e cenas de dissenso da resistência secundarista” de Francine Altheman, a qual é resultado de tese de doutorado premiada pela Compós em 2021. Escrita por Leuni Denoni e Heidi Vargas, a resenha enfatiza o arriscado e peculiar desenho da pesquisa, que aposta na bricolagem, no bololô,

como metodologia para fazer uma leitura crítica e sensível de um fenômeno complexo, como foram as ocupações estudantis.

O fim de 2022, a que se vincula este número da Revista Compolítica, é marcado por nova inflexão política da agitada vida pública brasileira na última década. Entramos em 2023 com a transição de Bolsonaro a Lula, que foi marcada por muita incerteza, insegurança e mesmo violência, incluindo o ataque à sede dos Três Poderes em Brasília. São tempos desafiantes não apenas à prática cidadã no país, mas também às tentativas de produção de interpretações sobre nossas instituições, práticas e culturas políticas. Nesse momento, a comunicação política tem-se mostrado ainda mais necessária para entender as reconfigurações, crises e resiliências da democracia brasileira. Esperamos que a Revista siga sua missão de produzir interpretações vivas, críticas e instigantes da realidade nacional, evidenciando a centralidade de processos comunicativos nas idas e voltas do Brasil. Esperamos também que sua atenção a esses processos históricos contribua para o fortalecimento contínuo da memória informada sobre o país, de modo a dificultar alguns retornos que insistem em rondar a nação sob a fachada do possível.

Desejamos uma boa leitura!

Sobre o(a) editor(a)

Ricardo Fabrino Mendonça é doutor em Comunicação Social (UFMG), professor associado do Departamento de Ciência Política da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e coordena a equipe editorial da Revista Compolítica.

Fernanda Cavassana de Carvalho é doutora em Ciência Política (UFPR), professora colaboradora do curso de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e coordena a equipe editorial da Revista Compolítica.

E-mail: revista@compolitica.org